

APRESENTAÇÃO

José Saramago 100 anos

Andréia Guerini¹ Orlando Grossegeese² ¹Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, BrasilE-mail: andrea.guerini@gmail.com²Universidade do Minho. Braga, PortugalE-mail: ogro@ilch.uminho.pt

Em 16 de novembro de 2022, José Saramago completaria 100 anos. O impacto da sua obra, em nível mundial, e o que isto significa para a visibilidade da língua portuguesa na vida cultural internacional das últimas quatro décadas, desde o êxito de *Memorial do Convento* (1982) até a sua voz de escritor-cidadão a comentar ‘o mundo atual’ de forma crítica e muitas vezes provocador justifica a homenagem que a *Revista da ANPOLL* lhe dedica. Assim, neste número, temos 13 artigos e uma entrevista inteiramente dedicados ao autor português nas suas facetas mais diversas e sob múltiplas abordagens teóricas. O conjunto de contribuições segue três eixos: a evolução literária saramaguiana nas suas fases; uma abordagem comparativa e o da recepção produtiva, da transmediação e transcrição.

Abre o volume o artigo de Carlos Reis, comissário das comemorações do centenário do nascimento de José Saramago. Sob o título **A ficção em movimento: História, identidade e figuras em José Saramago**, o autor propõe três elementos para analisar o desenvolvimento da obra, a saber: a História, a identidade e as figuras. Na sequência, Teresa Cristina Cerdeira, em **José Saramago: a sobrevivência da utopia**, apresenta uma releitura do caminho ficcional desde a solaridade de *Levantado do chão* (1980) à pequenina luz que surge intermitentemente em *Ensaio sobre a cegueira* (1996) a partir de uma aposta ética na sobrevivência da utopia, colocando em evidência o engajamento de um autor que não descuida da possibilidade de os homens minarem, com pequenos gestos positivos, a distopia. Em **¿Qué es real?**, Miguel Alberto Koleff se debruça sobre o conceito de ‘real’, a partir de uma análise de *A jangada de pedra*, publicado em 1986. Em **A ironia romântica e a educação do olhar: uma reflexão sobre a obra de José Saramago**, Shirley de Souza Gomes Carreira reflete sobre a ironia nos romances saramaguianos, não apenas como estratégia retórica, mas principalmente como ironia romântica. Em **A história em revista. José Saramago e ‘O conto da ilha desconhecida’**, Pedro Fernandes de Oliveira Neto busca analisar este conto publicado no âmbito da EXPO’98, a partir da marca história-ficção,

COMO CITAR

GUERINI, Andréia;
GROSSEGESSE, Orlando.
José Saramago 100 anos.
Revista da Anpoll, v.53, n.3,
p. 7-8, 2022. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i3.1830>

evidenciando semelhanças e dessemelhanças entre esses dois campos a fim de observar outros traços possíveis nas fronteiras da grande metáfora que nele encerra e como o narrador ao tomar as marcas usuais da história as subverte e as constitui em ficção. Em **José Saramago e Franz Kafka: Naufrágio com a Mulher da Limpeza**, Kathrin Sartingen estabelece um diálogo do mesmo conto com a parábola kafkiana “Vor dem Gesetz” (A porta da lei, 1915), tendo como fundamentos a metaforologia de Hans Blumenberg, bem como questões de intertextualidade de Genette e Borges. Em **“Ossos do ofício”: o romance inacabado de José Saramago**, Adriana Gonçalves analisa *Alabardas, Alabardas; espingardas, espingardas*, publicado postumamente em 2014, no contexto da ética de Max Weber para perceber como Saramago costura na trama narrativa o dilema do seu protagonista, funcionário de uma indústria bélica com dedicação inquestionável ao seu ofício. Em **Figurações do (neo)barroco em José Saramago**, Vanessa Cardozo Brandão aproxima o narrador viajante de *Viagem a Portugal* (1981) e o narrador cronista de *A Bagagem do Viajante* (1973) da perspectiva barroca, a partir da tensão dialética característica da alegoria, tal como elaborada por Walter Benjamin. Em **Teatro para Luís de Camões: Que farei com este livro?**, Carlos Nogueira procura compreender que imagem de Camões nos é apresentada nesta peça de 1980 (ano de comemorações camonianas) e como é construída ideologicamente – não idealizada nem unívoca. Em **“O lagarto”: ‘uma história de fadas’ contada nas palavras de Saramago e na xilogravura de J. Borges**, Naelza de Araújo Wanderley analisa como um texto, inicialmente identificado como crônica (na coletânea *A bagagem do viajante*, 1973), estabelece na sua republicação de 2016, através da relação palavra-imagem, não somente o diálogo, mas também a complementação e até mesmo a ampliação de sentidos em cada leitura. Em **Loss of vision without insight – the globalized city in Ensaio sobre a Cegueira/Blindness (2008) by Fernando Meirelles**, Carolin Overhoff Ferreira objetiva estudar a transposição fílmica do referido romance, utilizando os conceitos de *e-motion* e indisciplinaridade para revelar que a cegueira é abordada de forma convencional. Ao endereçar o filme para um público globalizado, a cegueira é apenas imitada esteticamente, eliminando a lucidez de Saramago relativamente à perda de visão de toda uma civilização. Em **A cegueira implantada na transcrição: lugares de uma identidade que não se enxerga**, Jean Paul d’Antony trata do mesmo romance e da sua transcrição fílmica, mapeando problematizações sobre alguns aspetos, guiando-se pelos conceitos de Lipovetsky de hipermodernidade, efêmero e identidade. Em **Identidade e individualismo em José Saramago e Denis Villeneuve**, Patrícia da Silva se dedica a outra transmediação, a do romance *O homem duplicado* (2002) no filme *Enemy* (2013), de Denis Villeneuve, investigando o tratamento reservado a dois elementos, identidade e individualismo.

Para encerrar este volume, temos uma entrevista, realizada por Bianca Rosina Mattia, com uma das maiores especialistas em Saramago, Teresa Cristina Cerdeira, professora emérita da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A entrevista oferece um ‘passeio pela obra de José Saramago’ através das suas abordagens ao longo de uma profícua trajetória de pesquisa iniciada com a tese *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses* (1987), que se tornou uma referência da crítica saramaguiana, confirmada com a recente reedição. Voltando, com esta entrevista, ao tema inicial da evolução literária e à questão da pertinência de fases, acreditamos que este número da *Revista da ANPOLL* contribui para ampliar a bibliografia crítica sobre o autor, que é um dos maiores escritores de língua portuguesa, e junta-se, assim, a tantas entidades, nacionais e estrangeiras, que estão a celebrar este centenário.